



**Osmarino Amâncio Rodrigues**

Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia, Acre  
Secretário do Conselho Nacional dos Seringueiros, Brasil

"Não queremos que se quebre essa aliança entre os que lutam por justiça social e os que lutam pela ecologia. Esse é um compromisso que o Chico nos deixou e que honramos. O que não queremos é um ambientalismo vazio, que fale da defesa da natureza se esquecendo do homem; que fale da defesa da floresta se esquecendo dos povos da floresta. Essa é a nossa contribuição de brasileiros para o movimento ambientalista internacional: defesa da natureza e justiça social são inseparáveis."

Publicado por  
**AMANAKA' A AMAZON NETWORK**  
P.O. Box 1419  
New York, NY 10009-8803

Com o apoio de: Rain Forest Futures, Sierra Club,  
National Wildlife Federation, Chico Mendes Committee,  
Brazilian Cultural Organization at NYU e  
**Rainforest Action Network**

Agradecimentos para: Fátima Viana de Melo, Beto Borges, Luiz Fernando Allegretti, Luiz Renato Fontes, Paul Friedman, Maria Helena Guimarães Pereira, Miranda Smith Productions e Conselho Nacional dos Seringueiros

Editora: Zezé Weiss. Editores Assistentes: Ann Mische, Joe Weiss. Revisão: Fátima Roberto. Pesquisa e textos de apoio: Ann Mische, Zezé Weiss. Projeto gráfico: Cris Miranda, Eleonora Castaño, Zezé Weiss. Desenhos: Eleonora Castaño. Fotos: Miranda Smith Productions (Chico Mendes) e Carlos Carvalho (Osmarino). Produção: Maria Byington, Ann Mische, Zezé Weiss.



INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

Data    /    /   

Cod. 04000084

# O Segundo Assassinato de **CHICO MENDES**

Osmarino Amâncio Rodrigues



Cartas da Amazônia - 1

## APRESENTAÇÃO

Apesar da mobilização internacional em defesa da Amazônia depois da morte de Chico Mendes, em dezembro de 1988, as propostas básicas pelas quais Chico lutou e morreu - Reforma Agrária sob o controle dos tabalhadores combinada com defesa da natureza - continuam em conflito com os interesses dos que querem a devastação da Amazônia e a extinção dos povos extrativistas que vivem na floresta.

Esses interesses, representados pela UDR (União Democrática Ruralista), organização de direita sustentada pela política socio-econômica do governo brasileiro, foram os responsáveis últimos pelo assassinato de Chico Mendes e continuam exigindo mais vítimas: Osmarino Amâncio Rodrigues, sucessor de Chico Mendes como secretário do Conselho Nacional dos Seringueiros, continua sob constante ameaça de morte, junto com outros 21 líderes populares no estado do Acre.

Mas o movimento dos povos da floresta segue em frente. Ao mesmo tempo em que educa o Brasil para uma nova visão ecológica, a Aliança dos Povos da Floresta busca solidariedade lá fora. Junto com suas propostas políticas avançadas, esse movimento começa a gerar também uma produção teórica madura e consequente.

Essa carta do Osmarino traz consigo a herança da visão ampla de Chico Mendes para todos os interessados na defesa da Amazônia: não se pode discutir o desmatamento da floresta sem considerar os conflitos e a violência que se escondem detrás da destruição das árvores. Aqui, a voz de um nativo traz para o mundo uma nova concepção de luta pela preservação do ambiente na qual "a defesa da natureza e justiça social são inseparáveis."

New York,  
novembro de 1990

Brasília, julho de 1990

Amigos,

Construir esse caminho não foi nada fácil. Além da violência dos que matam e desmatam no Brasil, tivemos que superar muitos problemas. Sob o comando do Chico fomos, pouco a pouco, aprendendo a somar forças, a derrubar não matas, mas preconceitos.

Da luta sindical, da luta pela Reforma Agrária aprendemos, na prática, que os povos indígenas são nossos aliados. A Aliança dos Povos da Floresta é hoje um fato. Mas não paramos por aí. Começamos a entender que nossa luta não interessa só a nós mesmos, mas a todos os brasileiros. E mais, a todo o mundo. Mesmo a ecologia, que antes era uma palavra estranha para nós, foi sendo pouco a pouco assimilada porque vimos que só a palavra era estranha, pois nossa prática já incorporava essas preocupações.

Soubemos passar da luta sindical para um plano regional - Conselho Nacional dos Seringueiros e Aliança dos Povos da Floresta - além de buscarmos consolidar nossa relação no plano nacional com os demais trabalhadores brasileiros através da Central Unica dos Trabalhadores - CUT - que foi a primeira entidade nacional a incorporar a proposta das Reservas Extrativistas no seu plano de lutas políticas. Tem gente que ainda hoje não consegue entender que a Reservas Extrativistas constituem a nossa proposta de Reforma Agrária para a Amazônia e que essa proposta é inseparável de uma Reforma Agrária real no Brasil como um todo.

É preciso conter a migração para a Amazônia e, por isso, é uma ilusão acreditar que a demarcação das Reservas Extrativistas, sem uma real democratização do acesso à terra no Brasil, poderá ser uma alternativa para a nossa região.

Pensamos nisso não só do nosso ponto de vista como habitantes da Amazônia. O acesso à terra na própria área de origem do trabalhador rural se justifica tanto do ponto de vista social como do ecológico. Ali ele conhece a terra, os rios, as plantas e os bichos. Ali ele desenvolve uma cultura junto com os seus parentes e vizinhos. Isso precisa ser levado em conta ao discutir Reforma Agrária ou ecologia no Brasil. É isso que nos leva a uma aproximação com os sem-terra, com os atingidos por barragens, com os brasiguaios. Foi na prática que nos aproximamos desses movimentos que lutam pela terra, por justiça social e que também começam a entender a importância da questão ambiental.

Percebemos ainda que, apesar dos grandes avanços obtidos pelos movimentos sociais no Brasil, é grande o descaso das autoridades para com as nossas bandeiras e reivindicações. Fomos buscar lá fora nossos aliados, principalmente entre os ecologistas europeus e norte-americanos. Através deles chegamos até o Banco Mundial, onde denunciemos o que se fazia no Brasil com os empréstimos obtidos, inclusive em nome da preservação ambiental e da demarcação das reservas indígenas, como foi o caso da BR-364, trecho Cuiabá-Porto Velho. Conseguimos desmascarar perante a opinião pública mundial a farsa das nossas autoridades.

Toda essa luta tem-nos custado muito caro. Há 10 anos perdemos nosso companheiro **Wilson Pinheiro**, os criador dos "**empates**" em 1976. De lá para cá muitos outros tombaram: **Ivair Higino**, **Jesus Matias**, **Fontelles**, **Josimo** e, ainda recentemente, nosso companheiro **Canuto**, no Pará.

O nome do nosso companheiro Chico foi elevado tão alto que parece que ele não pertenceu a esse mundo onde continuamos a viver do mesmo modo que ele viveu, sofreu, lutou (e morreu).

Hoje em dia, vejo que a ecologia ocupa grandes espaços na imprensa, mas de um jeito muito estranho e distante de todos nós. Ainda me lembro do Chico contando que um repórter do jornal **O Estado de São Paulo**, em 1988, se retirou de uma entrevista coletiva porque o Chico falava de problemas da terra, de ameaças contra a vida dele, e isso não seria ecologia e sim luta sindical. Já que falam tanto que o Chico era um ecologista, por que foi ele o primeiro ecologista a ser assassinado no Brasil?

Hoje em dia muita gente se diz ambientalista sem ter a visão ampla que o Chico teve de não separar a luta social da luta ecológica. É como se cometessem um segundo assassinato contra o Chico.

Há pouco tempo atrás algumas entidades ambientalistas recusaram a participação da CUT em fóruns de debates sobre a questão ambiental. Não sabem essas entidades, ou não querem saber, que a CUT, da qual Chico era dirigente, foi a primeira entidade política nacional a levantar a bandeira das Reservas Extrativistas.

Chico teve essa grande qualidade de somar, de superar preconceitos. Não queremos que se quebre essa aliança entre os que lutam por justiça social e os que lutam pela ecologia. Esse é um compromisso que o Chico nos deixou e que honramos.

O que não queremos é um ambientalismo vazio, que fale de defesa da natureza se esquecendo do homem; que fale de defesa da floresta se esquecendo dos povos da floresta. Essa é a nossa contribuição de brasileiros para o movimento ambientalista mundial: defesa da natureza e justiça social são inseparáveis.

Nós, seringueiros, nos tornamos ambientalistas sem deixarmos de ser sindicalistas e de lutar pela terra e pela Reforma Agrária junto com os índios e outros cidadãos brasileiros. Devemos buscar nossas alianças internacionais sem nunca deixar de fortalecer nossas alianças aqui no Brasil contra esse modelo de desenvolvimento injusto e devastador.

Algumas vezes temos deixado de lado o fortalecimento de nossos vínculos internos, atraídos também pela ajuda material que lá de fora muitas entidades têm-nos oferecido. Não recusamos essa ajuda.

Mas se não tivermos lucidez política, os dólares e a ajuda material não adiantam nada. Por exemplo: precisamos comprovar a viabilidade das nossas Reservas Extrativistas como uma alternativa de desenvolvimento para a Amazônia. Mas será que uma Reserva Extrativista pode ser uma ilha de progresso cercada de miséria por todos os lados?

Queremos fortalecer nossa aliança com os ambientalistas sem que tenhamos que perder as nossas características próprias de trabalhadores que querem uma sociedade onde a ecologia seja uma das bases e onde possamos viver com dignidade, justiça social e gozar de tudo de bom que o conhecimento, a ciência e a tecnologia possam nos dar.



Copyright Osmarino - 1990